

---

the Manchester Museum. The minute analysis of the tunic suggests that it could hardly be considered as a personal garment of the mummified deceased.

In “Palmiriform’ columns: an alternative design source” (by Peter Phillips) the motifs depicted on the capitals of these columns are convincingly interpreted as ostrich feathers.

“Scientific evaluation of experiments in Egyptian archaeology” (by Denys Stocks) points out to the relevance of technological studies as a new area of research in Egyptology.

“Snake busters: experiments in fracture patterns of ritual figurines” (by Kasia Szpakowska and Richard Johnston) describes the experimental procedures involved in the replication and destruction of magical figurines.

All in all the volume not only pays a honorific tribute the remarkable legacy of Professor Rosalie David as it fully demonstrates the effectiveness of the multidisciplinary collaboration in Egyptology and the importance of adopting an integrative approach to the Egyptian material culture. The team of editors should thus be commended by the organization of this volume which hopefully will inspire others to engage in similar efforts.

SCHRÖTER, Jens; JACOBI, Christine (hrsg.)

*Jesus Handbuch*

Tübingen: Mohr Siebeck, 2017. 685 p. ISBN: 978-3-16-153853-7

CARLOS MORUJÃO

Constitui este *Jesus Handbuch* uma obra coletiva, escrita numa perspectiva ecuménica, uma vez que os seus colaboradores pertencem a várias confissões cristãs. O objectivo desta obra é «fazer o ponto» da actual situação relativa à investigação que tem por tema a figura de Jesus; quer no que diz respeito ao que poderíamos chamar as fontes para o conhecimento do Jesus histórico, quer no que respeita (mais em particular) ao tratamento crítico e hermenêutico dessas fontes, quer no que poderíamos designar por recepção da sua doutrina; este último ponto podendo, aliás, subdividir-se em dois: uma análise do modo como a sua ação e os acontecimentos da sua biografia (incluindo os testemunhos da sua ressurreição) foram recebidos e interpretados pelos contemporâneos – em primeiro lugar pela comunidade dos apóstolos e dos discípulos –, e uma análise da sua interpretação propriamente teológica na história da Igreja. Para cumprir este desiderato, o *Jesus Handbuch* subdivide-se em quatro grandes partes, correspondentes às secções B, C, D e E da obra (a secção A é constituída por uma introdução geral): «História da investigação histórico-crítica de Jesus» (p. 15-124); «O material histórico» (p. 125-181); «Vida e ação de Jesus» (p. 183-486);

«Primeiros vestígios dos efeitos e da recepção de Jesus» (p. 487-561). Tal como afirmam os organizadores no Prefácio (p. V), não se trata, com esta obra, nem de oferecer aos leitores o acesso «correto» à figura de Jesus, nem tão-pouco de constituir uma imagem unificada dessa mesma figura, mas sim de fornecer uma panorâmica das diversas interpretações da sua pessoa e do significado da sua ação.

A secção B, dedicada à história da investigação sobre o significado da vida de Jesus, é talvez demasiado breve (cerca de 100 páginas) para tema tão amplo. O fenómeno da proliferação, em finais do século XVIII e na primeira metade do século XIX, das «Vidas de Jesus» – de que as mais conhecidas serão, talvez, a de Hegel, que ficou inédita em vida do seu autor, e a de Friedrich David Strauss (cf. Capítulo V, p. 48-49) – poderia ter merecido maior desenvolvimento. Da mesma forma, o processo que será conhecido, no início do século XX, na investigação de língua alemã, como *Entmythologisierung* (desmitologização), mas que tem o seu início no século XVIII, em autores tão importantes como Lessing ou Reimarus, parece abordado com demasiada brevidade (cf., nomeadamente, os Capítulos IV e V desta secção). Reconheça-se, no entanto, que o tema, por si só, poderia merecer uma obra com a extensão total desta e que houve, da parte dos organizadores, que atender a um necessário equilíbrio entre os temas que se propunham abordar. Nesta secção B, encontram-se, todavia, alguns artigos que, se não se podem qualificar, em termos absolutos, de inovadores, têm o interesse de apresentar aos leitores algumas tendências mais recentes da investigação, nomeadamente a chamada «third quest for the historical Jesus» (cf. p. 98-112). Nesta última perspetiva, não se trata tanto de apurar a exatidão histórica da informação que chegou até nós, quanto saber até que ponto o contexto histórico em que Jesus nasceu e viveu (a Palestina, sob ocupação romana, do século I da nossa era) constitui um elemento determinante para a compreensão da sua ação. Constitui também uma questão importante, para esta tendência, o saber de que forma a mensagem de Jesus foi recebida e assimilada no contexto em que teve lugar. Se se tratava, para a época, de uma nova forma de profecia, por exemplo, de uma doutrina de sabedoria destinada à compreensão do sentido da vida (como tantas tendências do pensamento greco-romano contemporâneo da ação de Jesus), ou de uma mensagem de carácter escatológico. O autor destas páginas, David du Toit (professor na Faculdade de Teologia Evangélica da Universidade Ludwig-Maximilian, em Munique), distingue esta forma de investigação das que a precederam socorrendo-se do conceito de paradigma, do filósofo da ciência norte-americano Thomas Kuhn. Independentemente da pertinência deste conceito – que se poderia certamente discutir – para caracterizar o tipo de investigação levada a cabo, há que reconhecer o seu interesse para uma melhor compreensão do tema.

A secção C da obra constitui a mais breve das quatro e compreende-se porquê. Trata-se de proceder a uma inventariação e análise do material histórico sobre Jesus, que não é excessivamente abundante. No entanto, notam os organizadores da obra (cf. p. 126) que esse material sofreu, em tempos recentes, um alargamento considerável, pois para além dos Evangelhos Sinópticos, é agora também habitual serem tidos em conta o Evangelho de João (p. 137-145), bem como outros textos não incluídos no cânon do Novo Testamento (p. 155-158), assim como fontes judaicas e greco-romanas (p. 159-171). A investigação alargou-se ainda aos dados fornecidos pela arqueologia, pela numismática e pela epigrafia

---

(p. 171-181). Jürgen Zangenberg (professor de História e de Cultura do judaísmo antigo e do cristianismo primitivo), por exemplo, faz uma curta abordagem ao problema dos testemunhos arqueológicos relativos às práticas funerárias no tempo de Jesus, bem como à prática da crucificação no tempo da ocupação romana (p. 173). É ainda mencionada a questão de uma hipotética descoberta do ossuário da família de Jesus. Todavia, relativamente às fontes escritas – nomeadamente, as de origem judaica, ou com origem no Próximo Oriente –, notam os organizadores a dificuldade em utilizá-las como documento histórico absolutamente credível, dada a inexistência, no ambiente histórico-cultural que as produziu, de um conceito de história que se pudesse aproximar daquele que hoje é consensual entre os investigadores.

A secção D – a mais longa do livro (p. 183-486) – ocupa-se da vida e da atividade pública de Jesus. Ela abre, após uma curta Introdução (Parte I), com uma análise do contexto político e religioso que serviu de pano-de-fundo da vida de Jesus (Parte II), tanto no que respeita a aspetos relativos à ocupação romana da Palestina e à relação entre os ocupantes romanos e as autoridades judaicas, quanto no que respeita às diversas correntes religiosas que atravessavam o mundo judaico e à sua expressão em termos institucionais. Mais interessantes para o leitor serão, provavelmente, as Partes III e IV desta secção, dedicadas, respetivamente, à abordagem dos aspetos biográficos e à discussão da ação de Jesus. Não é possível, nos limites de uma recensão, dar conta da riqueza do material informativo e das discussões sobre ele. Assim, limitar-nos-emos à apresentação de alguns aspetos que nos pareceram particularmente relevantes. Começaremos com uma referência às páginas dedicadas às curas milagrosas, aos exorcismos e à ressurreição dos mortos (p. 298-326).

A palavra «cura» é usada, em português, num contexto predominantemente clínico, o que não acontece com o seu equivalente em alemão «Heil» e este aspeto deve ser tido em conta para uma compreensão do que está em causa. De facto, em alemão, «Heil» tanto pode significar curar como salvar e, embora salvação também se utilize em contexto clínico (diz-se, por exemplo, que o médico «salvou» alguém da morte), o significado de salvar estende-se muito para lá dele. É assim possível entender o significado da atuação salvífica de Jesus muito para lá da estrita problemática da cura de certas doenças do corpo (cegueira, paralisia, etc.) ou de certas afeções do espírito (as chamadas «possessões» pelo demónio). Annette Weissenrieder (especialista no Novo Testamento e professora em São Francisco e em Berkeley, na Califórnia) chama a atenção (cf. p. 309-310) para o facto de, na Patrística grega – em autores como Ireneu ou Orígenes – Jesus ser chamado «médico», não tanto como alguém que apenas cura certas doenças, mas sobretudo como alguém que, por meio dessas curas, indica aos homens o caminho a seguir. A autora chama também a atenção para o facto de tratados médicos da tradição hipocrática começarem por um paralelismo entre uma lista de valores morais e as formas de vida saudável. Mas parece óbvio que aqui nos encontramos já num contexto histórico que é apenas relevante para a interpretação dos textos evangélicos, não para um entendimento do significado que a maioria dos contemporâneos de Jesus e objeto da sua ação salvífica atribuíam a essa mesma ação.

Não é menos interessante a discussão de Bernd Kollmann (professor de Exegese e Teologia do Novo Testamento, no Seminário de Teologia Evangélica da Universidade de Siegen) sobre as ressurreições dos mortos (p. 318-326). A questão era já discutida pela

medicina anterior à época de Jesus e há registos de fenómenos de «ressurreição» no contexto da cultura grega. É obviamente impossível decidir, à luz dos relatos que chegaram até nós e dos conhecimentos médicos hoje disponíveis, sobre a veracidade de tais práticas. De um ponto de vista estritamente racional, nota Kollmann, seríamos levados a pensar tratar-se de casos de coma temporário, ou de estados depressivos profundos acompanhados de paralisia. Particularmente interessante parece ser o caso da ressurreição de Lázaro, pelas semelhanças que a narrativa deste episódio neotestamentário apresenta com a ressurreição de Jesus, nomeadamente, o facto de terem decorridos alguns dias entre a morte publicamente testemunhada e a ressurreição do cadáver, e a minuciosa referência às práticas judaicas da época relativas ao enterro dos mortos. Em todos estes casos, porém, o que parece não deixar dúvidas é o significado destas narrativas: Jesus triunfa sobre a morte e os que o seguem não vêm na morte um acontecimento que triunfa definitivamente sobre a vida.

É impossível dar conta, com o pormenor que mereciam, da totalidade dos aspetos da vida pública de Jesus que são discutidos nesta obra. Refiram-se apenas, de forma muito breve, alguns dos mais importantes: as refeições de Jesus (p. 292-298) a relação de Jesus com as mulheres (p. 327-333), a visão de Deus nas palavras de Jesus e a metáfora da paternidade (p. 361-368), o amor ao próximo e o amor aos inimigos (p. 432-439), a posição de Jesus perante as riquezas (p. 439-445). A discussão da paixão de Jesus (p. 460 e ss.) – que ocupa toda a secção 5 desta Parte IV – merece que nos detenhamos um pouco mais nela, pela natural complexidade do tema. Vários tópicos estão em causa nesta discussão, sendo o primeiro deles uma análise das relações entre Jesus e o Templo de Jerusalém. Markus Tiwald (professor de Didáctica do Novo Testamento no Instituto de Teologia Católica da Universidade de Duisburg-Essen), posicionando-se contra algumas interpretações, recusa-se a ver em todas as ações de Jesus relativas ao Templo, bem como na Última Ceia, os símbolos da instituição de um novo culto (cf. p. 465). Pelo contrário, o autor situa estes fenómenos na continuidade de muitas posições do judaísmo da época que antecedeu imediatamente a ação de Jesus e da época sua contemporânea. A novidade da pregação de Jesus, relativamente ao judaísmo, estaria noutro lado, a saber, na proclamação da urgência da fé no reino de Deus e na restauração da Sua imediata presença (de acordo, aliás, com o esquema escatológico segundo o qual no final dos tempos se restabelece o que era verdade no início). O final desta secção 5 tem, em nossa opinião menos interesse, embora o historiador dos tempos de Jesus possa nela encontrar informações relevantes, nomeadamente sobre a natureza dos processos judiciais (quer romanos, quer judaicos) que conduziram à condenação de Jesus, ou sobre o significado da pena por crucificação.

Por fim, a secção E (p. 487-561) investiga os mais antigos vestígios sobre a ação de Jesus e a sua receção. Nela são abordados temas tão diversos como os testemunhos imediatos sobre a ressurreição, os «nomes» de Jesus e a referência à sua divindade (Jesus «Filho do Homem» e Jesus «Filho de Deus», Jesus o «Senhor» e Jesus o «Cristo»), a primeira comunidade cristã, as representações de Jesus, ou os aspetos éticos decorrentes da sua ação que foram integrados na pregação da mensagem cristã. Cada um destes temas mereceria uma referência que ultrapassa os limites do que é possível oferecer numa simples recensão. Note-se apenas, pela sua evidente importância teológica, o problema que acima identificámos como sendo o dos «nomes» de Jesus. De facto, nas várias designações de Jesus, quer

---

neotestamentárias, quer provenientes de textos posteriores, joga-se o difícil problema da compreensão, tanto pelos contemporâneos de Jesus, quanto pelas gerações seguintes, da continuidade ou descontinuidade (p. 516) entre a sua ação em vida e a interpretação do significado dela à luz da fé resultante do acontecimento pascal.

Para finalizar, resta-nos registar o excelente aparato crítico que acompanha os textos deste *Jesus Handbuch*, que muito facilitará, não apenas a consulta da obra pelos leitores em função de interesses específicos, mas também, para os que o desejarem, o prosseguimento da investigação. Assim, a obra apresenta, no início, um índice das abreviaturas e siglas utilizadas, tanto de nomes como de publicações; uma extensa bibliografia final; um índice das passagens citadas ou comentadas (quer de textos bíblicos, quer dos manuscritos de Qunram, quer de textos rabínicos, quer de textos não incluídos no cânon da Bíblia cristã, quer ainda de variadas fontes pagãs); um índice de locais e regiões da antiguidade; um índice de figuras históricas e mitológicas da antiguidade; um índice de nomes de comentadores e estudiosos referidos da secção B; e, por fim, um índice de assuntos.

*De Cister a Portugal: o tempo e o(s) modo(s):  
livro do XI Encontro Cultural de São Cristóvão de Lafões*

São Cristóvão de Lafões: Associação dos Amigos do Mosteiro de São Cristóvão de Lafões, 2016. 203 p.

A N A A S S I S P A C H E C O

Coordenado por Maria Alegria Fernandes Marques e por Luís Carlos Amaral, o livro do XI encontro cultural realizado em maio de 2015 no antigo Mosteiro de Lafões, apresenta seis comunicações que tratam dos cistercienses na Galiza, cistercienses em Portugal, iluminura cisterciense, construção cisterciense, comparação entre edifícios cistercienses e franciscanos e obra dos barristas de Alcobaça.

A primeira comunicação é da autoria de Maria Del Carmen Pallares e de Ermelindo Portela, intitulada-se ‘Bernardo de Claraval y la implantación cisterciense en Galicia’. Mosteiro independente, rico e poderoso, o mosteiro galego de Santa Maria de Sobrado, na Coruña, nasceu em 1142 com a vinda desde Claraval de um grupo de cistercienses (p. 19-20), sendo esta a primeira casa cisterciense na Península Ibérica (p. 16). Inicialmente, os cistercienses instalaram-se num convento de comunidade dúplice que se encontrava devoluto. (p. 19) Na segunda metade do século XII é iniciada a construção da igreja e claustro sob ‘modelo bernardino’, que foi posto de pé por artesãos qualificados, entre os quais se sabe terem participado servos mouros (p. 23). Instalados na Galiza, os primeiros cistercienses da Península